

Os britânicos negam "atitude desfavorável"

por William Salazar
de São Paulo

Como todos os bancos internacionais credores do País, as instituições britânicas estão estudando as propostas da "fase 2" da renegociação da dívida externa, e, em absoluto, "não existe a atitude desfavorável dos bancos britânicos em relação ao Brasil que tem sido noticiada", diz o gerente geral do Lloyds Bank do Brasil, Peter Bareau.

Bareau, cujo banco é um dos dois vice-presidentes do comitê assessor ("advisory committee"), disse a este jornal, ontem, que, da mesma forma como os bancos britânicos cooperaram com o plano de financiamento externo da dívida brasileira até agora, continuarão cooperando do mesmo modo na chamada "fase 2". Acrescentou que a reunião em Londres com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, foi "muito boa e teve uma receptividade muito grande". Nessa reunião, aliás, estava presente um funcionário da área internacional do Banco da Inglaterra, o que demonstraria serem

infundadas as versões de que a Grã-Bretanha seria reticente a entrar no "pacote" de financiamentos oficiais de US\$ 2,5 bilhões para o Brasil.

Além disso, o Lloyds Bank, particularmente, não só é favorável às propostas da "fase 2", como também se está esforçando para garantir a adesão de todas as instituições britânicas.

A questão dos créditos em liquidação ("non performing loans") não é das mais relevantes para os bancos britânicos, na medida em que, em geral, é definida caso a caso. "Se o Banco da Inglaterra faz uma recomendação, dá um conselho, nós seguimos", explicou Bareau, acrescentando que, ao contrário dos EUA, onde existe uma legislação específica a ser seguida, na Grã-Bretanha os bancos comerciais discutem com as autoridades reguladoras. A orientação, em geral, sai do "senso comum". Daí, o problema de empréstimos com juros atrasados não ser necessariamente tão dramático quanto nos EUA. "Não somos presos a prazos estipulados em lei", diz Bareau.